

A FILOSOFIA, O FILOSOFAR E O FILÓSOFO

LA FILOSOFÍA, EL FILOSOFAR Y EL FILÓSOFO

Luiz Eduardo Coutinho Cardoso Júnior*

RESUMO

O presente trabalho busca fazer uma reflexão filosófica acerca dos conceitos-chave para compreender o que seja uma peregrinação em busca da verdade e da sabedoria: a filosofia, o filosofar e o filósofo. Utilizamos o método de leitura analítica de textos de Bornheim, Ferry e Vernant. A palavra filosofia, cunhada por Pitágoras, é comumente definida como “amor à sabedoria”, fazendo referência a um processo dinâmico reflexivo feito pelo ser humano sobre a realidade que o afeta. O filósofo é um verdadeiro peregrino que traz dentro de si uma admiração pela realidade, uma efervescência de interrogações, uma estranheza, uma crítica aguda, em busca de respostas para suas angústias, em busca da verdade. Como surge a filosofia? Que contexto prepara o seu desenvolvimento? O que ela tem de tão excepcional que logrou a Sócrates a acusação de corromper a juventude e de romper com a divindade oficial da *polis*? Como se constitui o ato de filosofar?

PALAVRAS-CHAVE: filosofia; abertura; reflexão; peregrinação.

RESUMEN

El presente trabajo busca realizar una reflexión filosófica de acuerdo a los conceptos claves para comprender lo que es una peregrinación en busca de la verdad y de la sabiduría: la filosofía, el filosofar y el filósofo. Usamos el método de lectura analítica de textos de Bornheim, Ferry y Vernant. La palabra filosofía, señalada por Pitágoras, es comúnmente definida como “amor a la sabiduría”, haciendo referencia a un proceso dinámico meditativo realizado por el ser humano sobre la realidad que le afecta. El filósofo es un verdadero peregrino que trae dentro de sí, una admiración por la realidad, una agitación constante de interrogaciones, una extrañeza, una crítica aguda, en busca de respuestas para sus angústias, en busca de la verdad ¿Cómo surge la filosofía? ¿Qué contexto prepara tu desarrollo? ¿Qué tiene de excepcional que la acusación de corromper a la juventud y de romper con la divinidad oficial de la *polis* sucedió a Sócrates? ¿Cómo se constituye el acto de filosofar?

PALABRAS-CLAVE: filosofía. entrada. reflexión. peregrinación.

INTRODUÇÃO

Como surge a filosofia? Que contexto prepara o seu desenvolvimento? O que ela tem de tão excepcional que logrou a Sócrates a acusação de corromper a juventude e de romper com a divindade oficial da *polis*? Como se constitui o ato de filosofar? Como os gregos se destacaram nessa reflexão? Quem é este homem que se aventura nessa fascinante peregrinação

* Graduado em Filosofia pela PUC Minas. E-mail: luizeduardojunior21@gmail.com.

em busca da verdade, da sabedoria? Por que ele parece estar sempre insatisfeito com as respostas e buscando novas questões? De onde lhe vem esse fascínio pela sabedoria, essa obstinação por alargar seus horizontes numa relação absoluta com a verdade? Nosso trabalho busca refletir sobre essas questões sem ter a pretensão de esgotar as possibilidades de respostas. Nossa intenção é nos permitir uma abertura para o encontro, para o diálogo, que nos permitam refletir sobre algumas das questões fundamentais da filosofia.

A FILOSOFIA

Em que contexto podemos dizer que se deu início a razão grega? Que movimentos internos na pólis deram vazão ao pensamento crítico, argumentativo da filosofia? Vale notar que, historicamente, os gregos (Aqueus) concebiam primigeniamente o mundo e tudo quanto há nele a partir de uma visão mítica, cosmogônica, religiosa, ou seja, os deuses seriam a causa primeira para o surgimento do cosmos. Os gregos respiravam uma atmosfera dada pelos deuses, uma atmosfera divina, em que suas ações eram norteadas pelos impulsos e desejos divinos. Não havia senso de liberdade, nem questionamentos – como deixam claras algumas tragédias como a de Eurípedes, escrevendo a peça Hipólito ou Medeia. O *logos* mítico constituía-se como um esboço do que seria o *logos* demonstrativo. Os mitos procuravam dar, a partir de seus enredos e narrativas, explicações sobre a origem do cosmo, do universo, partindo do que chamaríamos de irreal (transcendente; os deuses e suas façanhas), deificando as forças da natureza para explicar o real (material, imanente).

Com a queda da realeza micênica no século XII a.C. acontece uma reviravolta espiritual e psicológica: a superação do *logos* mítico pelo *logos* demonstrativo e a instituição da *pólis*. No *logos* mítico a palavra se impunha pela sua própria autoridade e pela autoridade daquele que a proclamava; na Grécia se traduzia na proclamação dos oráculos que não ficavam sem realizar-se. Quando Sócrates questiona o oráculo de Delfos de que ele seria o homem mais sábio, o filósofo rompe com o *logos* mítico, pois questiona a autoridade do oráculo e de quem o proclamou. No *logos* demonstrativo a autoridade da palavra vem da capacidade de quem profere argumentando (demonstrando) em torno daquilo que foi dito. Na Grécia, o *logos* demonstrativo se traduz na figura do filósofo que busca a sabedoria.

Mesmo em contato com outros povos, os helenos fazem eclodir uma originalidade de pensamento, de ações, de estruturação sócio-política. Como declara Vernant (1994), os cidadãos gregos superaram o modelo monárquico segundo o qual as reflexões e explicações

onipotentes são exercidas de maneira ilimitada pela figura do rei, em seu palácio, e um novo pensamento, uma nova ordem surge e se estabelece na ágora, em plena luz do dia, no debate público, pelos cidadãos da *pólis* que se envolvem com a questão comum do Estado.

Da intimidade religiosa e palaciana, a ágora, uma espécie de praça pública, ocupa lugar de destaque para a divulgação dos pensamentos e argumentos. O mundo grego sai das cavernas subterrâneas e de suas “trevas” para o clarão e o calor das discussões, no qual o agora toma características de uma política para todos, instaurando uma espécie de justiça pública, transparente. É nesse contexto que surge a filosofia, conhecida como filha da *pólis*, a partir da laicização do pensamento político. A linguagem filosófica toma tons de profano, de racionalização, sem estar envolvida de mistérios, ou preocupação ritual.

Com o advento da *pólis*, a filosofia surge nesse sistema social como um mecanismo de defesa, um remédio amargo ao paladar dos que sempre viram a realidade como dada pelos deuses, imperguntável, inquestionável. Em meio à desordem política e social da *pólis*, nasce uma reflexão moral que define uma primeira forma de sabedoria cujo objetivo é o mundo prático da política dos homens e não ainda o universo especulativo da *physis* (VERNANT, 1994). Isso de certo modo caracterizará a filosofia com certa ambiguidade, pendendo para ambos os lados, revelando nela uma diversidade de expressões, elemento presente nos vários filósofos e em suas interrogações sobre a *arché*.

A filosofia flutua, destaca Vernant (1994), em meio a tendências mistas, seja pela necessidade da reflexão no recolhimento que busca o conhecimento na contemplação, seja no impulso à vida pública da *pólis* para debater, questionar, defender os interesses comuns. É nesse contexto de debates públicos que a filosofia se desenvolve e alcança o seu estatuto visível no mundo grego.

O FILOSOFAR

Tipicamente a filosofia é entendida como arte do espírito crítico, da argumentação lógica, porém Ferry (2008) discorda ao dizer que essas características sejam monopólio dela, podendo muito bem ser feita por qualquer pessoa, até mesmo um senhor do interior que nunca tenha estudado. A arte de filosofar reveste-se de novas vestes, em busca da salvação que é alcançada pela superação dos medos e das paixões que impossibilitam o homem de viver bem, de ser lúcido, e se possível, sereno, amoroso, generoso.

O ato filosófico se amplia, passa das questões formais, engessadas pelo rigor, para uma proximidade. Uma pergunta surge: Mas o que levou os filósofos gregos a filosofar? Os outros povos também tinham condições humanas e racionais para isso. Porém foram nestas interrogações acerca da vida, da felicidade, do tempo, do ser, ultrapassando a técnica que os gregos se superaram. Que povo perguntou o que é o tempo? O que é a morte? A vida? Que insatisfações eram essas que moviam o ato filosófico? Enfim, o que leva uma determinada pessoa a filosofar?

Para Bornheim (2003) existe uma anterioridade ao ato filosófico, um percurso existencial do próprio filósofo, que entra em si mesmo com suas interrogações, anseios, angústias, insatisfações elaborando um processo autorreflexivo sobre o que o afeta. Para exemplificar, o filósofo Descartes (1996) declarou no *Discurso do método* que procurou desfazer-se de todo o edifício da tradição filosófica que lhe precedeu e precisou estudar a si mesmo, empregando todas as forças de seu espírito na escolha dos caminhos que deveria seguir a partir daquele momento. Em sua insatisfação com a tradição precedente, percebeu a necessidade de uma jornada interior em busca de novos caminhos que dirigissem o espírito à verdade.

Muitas vezes corremos o risco de nos deter apenas nos primeiros passos do processo, contentando-nos em estudar e reproduzir uma mera linha histórica e biográfica da filosofia e dos filósofos. É preciso pensar além disso, ampliar os horizontes. Pensar uma história filosofante da filosofia, refletir sobre o contexto exterior e o interior que afligiam os filósofos, seus questionamentos e elucubrações. A superficialidade torna a pseudofilosofia dela advinda maçante e essencialmente conceitual, sem encanto.

Contemplando a história da filosofia, deparamo-nos com a vasta gama de personalidades que se tornaram filósofos. O que há em comum entre essas pessoas? Essa atitude de originalidade da reflexão? Existem três atitudes marcantes que certamente passam nos seres humanos: admiração, dúvida e insatisfação. A admiração é o espanto, pasmo, surpresa, a perplexidade perante a cena, a/s pessoa/s ou objeto que o sentido da visão (interior ou exterior) alcança. A dúvida é a suspensão das certezas em busca da verdade e, por fim, a insatisfação, esse incômodo interno que gera o movimento de superação, de verdadeira realização.

Dessas três atitudes, ficamos com a admiração, que segundo Jaspers (*apud* BORNHEIM, 2003), foi a atitude na qual Platão e Aristóteles viam o impulso inicial da filosofia por possibilitar a tomada de consciência da própria ignorância diante da realidade que se lhe

apresentava, levando o filósofo a interrogar o que até então ignorara e, através da reflexão, superar a ignorância pelo conhecimento.

O espanto leva à admiração, a admiração à interrogação, a interrogação à consciência de sua ignorância, a ignorância ao desejo de saber mais sobre a realidade, gerando especulações e, por fim, conclusões acerca do próprio universo.

Essa admiração passa por níveis de percepção, a começar por uma ingenuidade, como o apaixonado que admira a pessoa amada sem dar-se conta de seus defeitos. Existe uma certa distância, embora haja um desejo de fusão com o outro (consciência ingênua e o real). Vê sentido nessa paixão, tem simpatia, porém não problematiza o real, suas consequências. Aqui entra o dever do filósofo de não parar na admiração, ou seja, de cumprir com sua essência, de problematizador do real, de criticar logicamente, colocar em dúvida todos os aspectos de dogmatização que se lhe sujeite. O ato de filosofar coloca um tempero de negatividade, de suspeita nas respostas dadas, por melhores e precisas que sejam.

A experiência da negatividade, do enfrentamento da dor e do risco constituem esse pressuposto do ato filosófico porque rompe com a segurança imóvel e incontestável do real por parte de quem assume essa postura dogmática. Enfrentar esse risco de libertar-se do mundo das sombras do dogmatismo é “atingir a plena luz do sol”. O homem “corre o risco de perder a sua capacidade de ver, de ficar completamente cego”, pois o real é chocante, o mundo é dramático existencialmente, a segurança das sombras dá lugar a uma certa desconfiança. Aqui entra o resultado desse contato com o real, o ato filosófico, o aceder consequente à filosofia, refletindo para o nível ontológico, para o que está por detrás disso tudo que chamamos vida, mundo, humanidade. Como Sócrates, o filósofo será um condenado por Deus à filosofia, a todo o momento questionar a tese geral de quem deseja colocar encapsuladas as possíveis verdades.

O FILÓSOFO

Quem é o Filósofo? Que figura estranha é essa? Que papel ocupa hoje?

Primeiro, é um ser humano, é uma pessoa com um rosto, com uma história. Não é um ser de outro mundo jogado na terra para desconstruir todas as bases do pensamento humano. Se o faz é consequência de sua condição de peregrino do saber sempre em busca da verdade. Como pessoa humana, o filósofo é marcado por uma certa melancolia, não doentia, mas produtiva, pois faz uma volta para dentro de si, num olhar contemplativo, reflexivo, sujeito muitas vezes

a momentos fortes de solidão e tensão. Essa melancolia chega a ser apontada por Szilasi (*apud* BORNHEIM, 2003) como a natureza e o hábito do filósofo, não uma doença.

O filósofo assume um lugar de combatente da noite, contra a insensibilidade, contra as sombras. Assume um papel articulador entre a noite e o dia, entre as trevas e a luz. Dialoga por isso com os outros modos de pensar a fim de conciliar as várias formas de saberes, mas sem perder sua própria identidade, numa perspectiva metaxológica, sendo fiel a si mesmo, a sua vocação, como Sócrates, que preferiu morrer dando testemunho de sua coerência de vida.

Em razão disso, se a filosofia é definida como interação com seus outros, o filósofo não possui uma identidade unívoca estática, há uma pluralidade de modos de ser filosófico. Ele sobrevoará com as asas da razão metaxológica os vários campos do saber. Entre o acadêmico (personificação da sabedoria, muitas vezes mediado por livros e estudos bibliográficos, sem tocar o objeto refletido); o técnico (espécie de deus cibernético pela lógica, mente instrumental); o cientista (por meio do método científico de experimentação e comprovação); o poeta (imagem arcaica do sábio, que tinha função quase sacerdotal, sensível ao mistério); o sacerdote (pontífice entre os mundos imanente e transcendente, contradição viva); o revolucionário (impulsionado por um desejo de libertação da alienação humana); o herói (impulsionado pelo *eros*, por um senso de nobreza, desejo de altura); e o sábio peregrino (imagem mais arcaica e recorrente da sabedoria).

Mesmo carregando dentro essa potência de se comunicar com as várias áreas do saber, o filósofo não permanece univocamente nelas. Bornheim (2003, p. 117-118) define o filósofo como

O pensador dos interstícios e das conexões, dos espaços da intermediação entre o pensamento e seus outros, entre a mente pluriforme e a plenitude do ser. O filósofo é o pensador do meio. Ele não tem uma identidade unívoca no meio, até mesmo no ato de “identificar” metaxologicamente e os contornos dos outros e de suas relações. [...] Para malandramente usar de Nietzsche e Hegel: o filósofo não é nenhum ciclope de um olho só, mas um Argos de mil olhos. Ele vê, mas ainda existe muito mais para ver e outras maneiras de enxergar. Não existe nenhum fechamento totalizador ou totalidade fechada.

No contexto em que vivemos, a figura do autêntico filósofo deve ressurgir a partir dessa comunicação metaxológica diante do perigo de uma razão instrumentalizadora, sem critérios éticos e morais, sem a devida interrogação de seus meios de transformação do meio. Ser um ente de voz clara, precisa, aberta, livre e sensível à alteridade dos seres, num mundo em que percebemos a desconstrução do que conhecemos por “humano”. O filósofo precisa ajudar a

filosofia a não se fechar em si mesma, nas academias e grupos fechados de discussão, mas abrir-se para toda a comunidade, voltar à *ágora*. Ajudar as pessoas a darem este salto para a luz que brilha fora da caverna das sombras e ilusões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando os gregos superaram o *logos mítico* pelo *logos demonstrativo*, a razão passou a fundamentar a explicação dos fenômenos. Nesse contexto, ganharam novas explicações e novos sentidos as questões fundamentais sobre vida: “o que é... a realidade, a vida, o ser humano, o universo?”, “Qual o sentido... de existirmos, de morrermos, de amarmos?”, “Como devo agir?”, “Como conheço a realidade?”.

Se, por um lado, essas questões não foram totalmente superadas e ainda reaparecem em nossos tempos com toda sua força enigmática desafiando o filósofo contemporâneo a não se satisfazer com as respostas dadas pelas gerações anteriores, devendo, pois, buscar sempre novas possibilidades de respostas; por outro lado, não significa que todo o empenho filosófico da humanidade, ao longo da história, seja fracassado.

Isso revela que a filosofia se manifesta como uma peregrina em busca de uma relação com a sabedoria. Esta sempre a surpreende como uma figura enigmática, pois quanto mais conhece algo da realidade, mais percebe que pouco conhece, desejando assim mais conhecer. A filosofia é uma sede perene do absoluto.

O filósofo revela-se, então, como um *sedento*, um *buscador*, um *desejante*, um peregrino, alguém disponível à filosofia. Assumidamente insatisfeito com qualquer possibilidade de completa explicação dos eventos que o rodeiam; não, porém, de permitir-se a tensão da provocação pelo questionamento, pelo espanto e admiração diante da realidade. É próprio do filósofo esse desvairado fascínio por desafios que lhe possibilitem a abertura a possibilidades.

Abertura, diálogo, encontro. Estas são palavras que, mesmo de uma maneira ainda imperfeita, apontam para o *ser* da filosofia, do filosofar e do filósofo.

REFERÊNCIAS

BORNHEIM, Gerd. A. **Introdução ao filosofar**: o pensamento filosófico em bases existenciais. 11. ed. São Paulo: Globo, 2003.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERRY, Luc. **Vencer os medos**: a filosofia com amor à sabedoria. São Paulo: WWMF Martins Fontes, 2008.

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.